

É Deus que se faz pobre, caminha com eles, pede esmola

para que a fome dos necessitados seja saciada. É o Espírito que através da caminhada do povo faz acontecer a libertação na justiça e na partilha. Ele convida a todos para experimentar a alegria do Reino.

c) Deus convida à festa

"O Divino vos convida, com toda a sua família, ver a Missa do Divino no festejo do seu dia" (Imaruí)

Ser convidado para uma festa é ser lembrado pessoalmente, é ser lembrado como membro do grupo que vai festejar. Jesus propôs diversas parábolas em torno do convite para a festa: "Quando deres um banquete, convida os pobres, os estropiados, os coxos, os cegos" (Lc 14,13). Ele mesmo instituiu a grande festa da Eucaristia e nos convida em cada celebração

para participarmos: "Fazei isto em minha memória" (Lc 22,19).

Na folia do Divino, os foliões cantam a presença de Deus no meio deles convidando para a festa, para participar da alegria da comunidade reunida em torno da mesma mesa da partilha. Não é uma festa inventada, puramente humana, que alguém vai dar porque quer e gosta, e convida a quem quiser. Mas é Deus mesmo, na imagem da bandeira e através dos foliões, que convoca para a festa. É quase uma intimação.

BIBLIOGRAFIA

PIAZZA, Walter F., Edição da Comissão Catarinense de Folclore", Florianópolis, 1953.

BESEN, Pe. José A., São Joaquim de Garopaba, Brusque, 1980.

COSTA, Antonieta, "Festa em louvor do Divino Espírito Santo", Florianópolis, 1987

RIBEIRO, Hércion, "Da periferia um povo se levanta", Ed. Paulinas, SP, 1988

Endereço dos autores:

Cx. Postal 5041 - ITESC

88041 - FLORIANÓPOLIS - SC

O ESPÍRITO SANTO NA RELIGIOSIDADE POPULAR

Prof. Nereu do Vale Pereira
Professor de Sociologia na UFSC

1. ORIGEM

As festividades em louvor do Divino Espírito Santo, o Império do Divino, a Festa do Divino e outros designativos menos empregados, dizem respeito ao culto do Paráclito segundo a religiosidade popular, associadas a motivos profanos tais como a necessidade lúdica que nossas comunidades catarinenses de origem lusa, experimentam. Com razão dizem os etnólogos que os rituais religiosos, quando brotam da criatividade espontânea das camadas populares, quase num complexo de ligações entre o sagrado e o profano, expressam dupla função: a primeira, de dar exterioridade ao caráter puramente religioso e litúrgico do ser humano, e a segunda, já pela própria escassez de alternativas sociais, de oportunizar momentos de lazer e encontro social.

Do ponto de vista da Teologia, o culto ao Divino Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, somente alcançou expressão popular, nas comunidades cristãs, a partir dos séculos XII e XIII, na Europa. Com efeito, Gilbert DURAND, no seu estudo sobre a iconografia e a simbólica do Espírito Santo (1), escreve (traduzimos):

"A teologia do Espírito Santo é certamente a mais difícil na problemática teológica do cristianismo. E sobretudo, apesar das definições conciliares (Constantinopla 381, Éfeso 431, Calcedônia 451 e, finalmente, Latrão IV em 1215, onde foi significativamente condenada a exageração paraclética do "triteísmo" de certas correntes joaquimitas), a questão mesquinha e envenenada do *filioque* não só conduziu ao cisma durável que se conhece, como retardou o desenvolvimento da teologia paraclética propriamente dita".

Há os que fazem referência a possíveis festejos populares ao Espírito Santo na Alemanha como também na França, com a instituição das confrarias a ele dedicadas. Dadas as fontes

de referência (que mais adiante serão relacionadas), estamos convencidos de que esses festejos, como nós os vivenciamos, são de origem portuguesa, durante o século XIII/XIV, partindo daí para os Açores, onde alcançou contornos bem populares e até profanos, e depois para o Brasil, África portuguesa e Estados Unidos (estes, mais recentemente).

Os festejos, sem sombra de dúvida, são fruto da religiosidade popular. E se prolongam, normalmente durante três dias, com rituais próprios, obedecendo a um esmerado enredo, que atrai às suas funções, além das Confrarias (Irmandades), todos os fiéis católicos e demais pessoas da comunidade. Seu alcance é universal. O ápice da festa tem por bússola, sempre que possível o acordo do Vigário, o domingo de Pentecostês (épocas e lugares houve que ocorria de domingo a terça-feira).

2. DO CULTO AO "DIVINO"

Como vimos, é difícil precisar as origens desse culto popular. Os estudiosos que pesquisamos e que trabalham com etnologia, no campo da religiosidade popular, procuram localizá-lo dentro dos espaços culturais criados pela organização das Irmandades (Maison du Saint-Esprit, na França) e que proliferavam por toda a Europa nos séculos XII e XIII.

Há, ainda, os que atribuem a origem desse culto ao movimento franciscano, já que seu inspirador, São Francisco de Assis (+, 1226), foi amigo das aves e é constantemente representado portando pombas brancas, símbolo cristão do Espírito Santo, em suas mãos ou ombros. Como sabemos, a pomba branca também simboliza a paz. Como o culto popular do Divino se materializa pela caridade, com distribuição de pães e benesses aos pobres, infere-se sua semelhança às regras do franciscanismo. Tudo, enfim, é uma resposta aos preceitos cristãos da redistribuição fraterna dos frutos da produção material.

Além disso, segundo a intuição joaquimita (2) em dividir

as épocas da história da humanidade em: época do Pai e da Lei de Moisés, época do Filho e do Novo Testamento; e, finalmente, a época do Espírito Santo e da Caridade, viver-se-ia, a partir de 1260, o florescimento do culto do Divino Paráclito.

Temos também, ao longo das Idades Média e Moderna, até o período das revoluções monárquicas e mesmo depois, o significativo ritual das coroações de reis e do Imperador dentro das igrejas, com cerimônias religiosas brilhantes. Finalmente, os repetidos conflitos entre Estado e Igreja, entre reis e papas, entre monarcas e bispos, parecem ter criado "condições muito favoráveis ao desenvolvimento de um culto vincadamente laico, com larga participação das classes populares, da nobreza e até das próprias famílias reais, ou seja, o culto popular do Espírito Santo" (3).

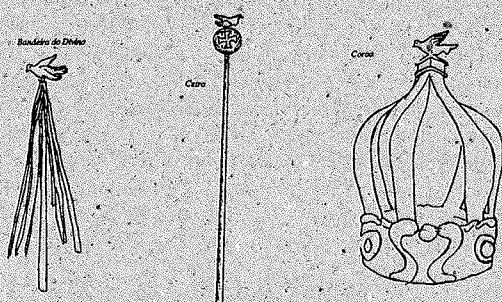
3. A POMBINHA DO DIVINO

É interessante destacar que o popular muito raramente compreende e jamais emprega o termo teológico **Paráclito**, preferindo as expressões **Espírito Santo**, **Pombinha do Divino**, **Divino Espírito Santo**, ou simplesmente **Divino**. Daí porque a festa do Divino, no âmbito popular, não se vincula claramente ao Pentecostes, do calendário católico. Deve, para o povo simples, haver, consciente ou inconscientemente, uma separação prática, já que os festejos do Espírito Santo envolvem também e principalmente os autos populares, e não em exclusividade, e talvez até com menos importância, os atos litúrgicos do Pentecostes. O que importa para ele, povo, é aquilo que parece ser resposta ao repartir comunitário e profano (?) como o cortejo, carros adornados, coroação do Imperador, distribuição de pães, bodos (4) de leite, bodos de carne, bodos de vinho, queima de fogos, brincadeiras com touros ou bois, bailes, comidas, etc.

Contudo, para ambas as dimensões, o Espírito Santo é representado por uma pombinha branca, visão evangélica e também franciscana. A origem desse simbolismo está na cena do batismo de Jesus, que se encontra, com pequenos detalhes diferentes, em cada um dos 4 evangelhos. São Lucas assim a descreve: "Estando em oração, abriu-se o céu, e desceu sobre ele o Espírito Santo em forma corpórea, como uma pomba" (Lc 3,21-22) (5).

Talvez para evitar interpretações apressadas, equivocadas ou maldosas, o açoriano passou a usar o diminutivo "Pombinha" (Pombinha do Divino), dando-lhe conotação afetiva, de respeito e nobreza.

Aliás, não há utensílio ou alfaia pertinente à festa do Espírito Santo onde a pombinha não esteja presente. Tanto assim é que as principais peças "sagradas"; isto é, o **estandarte** (Pombinha branca bordada em cada face, com os demais dizeres da Irmandade), a **bandeira** (mastro encimado pela Pombinha e com muitas fitas coloridas, fruto de promessas e que também alcançam graças a curas a quem as beija, sobrepõe e ou as utiliza para fazer chás), o **Cetro imperial** e a **Coroa do Imperador**, ao ser este coroado durante a Missa (veja a ligação com a investidura dos reis nos tempos da Idade Média), todas essas alfaias contém a Pombinha. Vejamos a seguir seus desenhos.



O popular, na sua devoção ao Divino Espírito Santo, vai muito mais longe. Aparecerá a Pombinha em muitas outras manifestações culturais e folclóricas.

Para este artigo destacamos o adorno externo dos telhados das casas com a tradicional "Pombinha Açoriana" (agora recebe o qualificativo específico de "açoriana" para identificar a sua origem). Quando suas casas têm os telhados construídos com quatro panos ou águas, os ângulos extremos, inferiores e fronteiros, no encontro dos panos, recebem um acabamento ou arremate, trabalhado com telhas de goiva sobrepostas e recortadas adquirindo a forma de um pombo pousado, e em alguns casos também voando, para que a casa e seus moradores sejam abençoados pelo Divino.

Apresentamos aqui desenhos de duas casas ostentando esses adornos, sendo uma dos Açores e outra em Florianópolis, e encontradas ainda hoje (1989):



Dizem duas quadrinhas relativas a essa prática cultural e ligadas à religiosidade popular:

"A Pombinha vai voando,
quando passa, tudo canta!
O amor vai espalhando,
de Alegria é ela a Santa.

Bendito, louvado seja
o amor desta Pombinha!
Todo o povo a deseja:
é pedaços d'alma minha".

A pombinha do Espírito Santo, tão celebrada pelos foliões, representa sempre um papel protetor.

Obs.: A grafia de Pombinha em caixa alta é do original e demonstra a qualificação do Espírito Santo como a terceira pessoa da Santíssima Trindade. O autor, Luiz Bernardo LEITE DE ATAÍDE (6), encima essas quadrinhas com o seguinte: "De resto, a pombinha do Espírito Santo, tão celebrada pelos foliões, representa sempre um papel protetor. Os carpinteiros, ao terminarem a armação da casa, festejam esse dia tomando uma refeição (galinha assada, argola de massa, cevada e vinho), oferecida pelo dono da casa, digo, da obra (Ribeira Grande). E isto no teto da casa, à sombra da Pombinha bordada na bandeira do Espírito Santo e hasteada sobre o pau de fileira, entre ramos verdes e bandeirólas. A poesia popular frequentemente a ela se refere, em geral como a um símbolo da abundância e fecundidade, como a um talismã que preside aos destinos dos homens, que zela pela saúde da família ou alimenta o bem-estar e a alegria do lar".

4. ORIGEM DA FESTA ENTRE NÓS E SUAS RAÍZES CULTURAIS

Sob a influência do franciscanismo, das confrarias do Divino Espírito Santo e das contendas da Idade Média entre reis e a hierarquia, a devoção ao Espírito Santo alcança, como vimos antes, maiores raízes na religiosidade popular.

Para nós, catarinenses de origem açoriana, a devoção chegou, sem dúvida, com os primeiros imigrantes do século XVIII, dentro de um processo de transmissão cultural. Com o tempo e a aculturação, os festejos do Império do Divino passaram a ser executados também, e com muitas descaracterizações, por comunidades de raízes italianas e germânicas. Esses festejos, naturalmente conheceram alterações e adaptações circunstanciais e conjunturais ao longo do tempo e principalmente do nosso espaço físico. Isto evidencia que, embora apresentem hoje grandes diferenças entre lá e cá, não somos nós os criadores dessa devoção popular. Recebemo-la como herança cultural e a adaptamos às nossas necessidades e possibilidades. Contudo, a devoção é a mesma e, se quisermos saber de suas raízes remotas, é preciso pesquisar a partir dos Açores e de Portugal continental.

“Os cronistas e historiadores portugueses estão de acordo no que se refere à introdução, que poderíamos chamar de “oficial”, do culto do Divino Espírito Santo em Portugal, por iniciativa da rainha Santa Isabel (+ 1336) e com o patrocínio do rei Dom Dinis. Citaremos, entre outros, D. Rodrigo da Cunha, que descreve as “Festas do Imperador”; o Pe. Manuel da Esperança, que nos descreve as festas do Alenquer e se refere já ao culto do Divino Paráclito nos Açores; o bispo D. Fernão Correia de Lacerda, biógrafo da Rainha Santa e, mais pormenorizadamente, no que se refere à fundação, pela Rainha, da primeira igreja do Espírito Santo e respectivo hospital na vila do Alenquer, o Pe. Joseph Pereyra Bayan, cujo relato é particularmente elucidativo” (7).

Citemos Jaime de FIGUEIREDO (8): “De subido relevo e de suave ternura, fundado pela Rainha Isabel, a Santa, destaca-se o festejo do Espírito Santo, que tudo leva a crer teria iniciado em Coimbra ou em Alenquer. A Rainha, no desejo de mover o augusto soberano a tornar-se humilde, no exercício de suas altas funções, pediu-lhe licença para coroar o primeiro mendigo que encontrasse na capela à hora tertia, quando se oficiasse ao Divino Paráclito.

“Nesse dia, a corte assistiu ao insólito espetáculo... Um pobre velho, todo andrajoso e descalço, é visto subir os degraus do trono real e, por certo, tímido e confuso, nele vai tomar assento, a um gesto do mestre-sala. Depois, o bispo tira a coroa de cima da credência, a fim de a pousar na cabeça do mendigo, ajoelhado sobre rica almofada de veludo carmezim, entoando-se nesse instante o ‘Veni Creator Spiritus’. No meio de rolos de incenso e de graves salmódias, reza-se missa solene, finda a qual se organiza luzida procissão, em que o mendigo coroado é recebido em triunfo como autêntico Imperador...”

“De fato, há outra versão. A Rainha teve um sonho estranho, quando a corte estanciava em Alenquer, no ano de 1321. Certa noite, chegou a ouvir uma voz divina que lhe recomendava a construção da primeira igreja invocada ao Espírito Santo. Assim, logo pela manhã, depois de sua missa, ao sair para o local do sonho, em companhia de alguns padres e juízes (aqui a causa do nome de “juízes” da festa), todos viram os alicerces construídos sobre agudos mistérios e prodígios” (9).

Outra informação diz: “Da solenidade do Império, do qual ela – a Rainha Santa – e seu marido, para celebrar a Festa do Espírito Santo, foram os inventores primeiros, brevemente descreveremos as cerimônias. Dia de Páscoa, pela manhã, entra na nossa igreja o que há de ser Imperador, assistido por dois reis, e todos são acompanhados da nobreza e povo, com três pagens que lhes trazem as coroas, uma das quais deixou para este ato a Rainha Santa.

“Todos os demais folguedos e festejos, hoje encontrados nas festividades do Divino Espírito Santo, foram resultado de

constantes acréscimos ao longo do tempo, sofrendo variações, sem romper a antiga tradição da organização, em nome do rei Dom Dinis e da rainha Santa Isabel, de um Império, com a coroação de pessoas simples da comunidade para, ao longo de três dias, distribuir caridade, benesses e determinar folguedos” (10).

Dentro das transformações constatamos hábitos que se consolidaram como, por exemplo, a construção do “Império” ou “Teatro”, afastado da capela. Entre nós, o prédio do Império fica relativamente próximo ao templo, enquanto nos Açores apresenta, na maioria dos casos, verdadeira separação. Atribuem-se, como causas, certos exageros na “devoção” ao Espírito Santo e as proibições, pela hierarquia, da realização das festas pela presença, nelas, de manifestações consideradas profanas como, por exemplo, bailes, touradas, negócios, e também brigas e bebedeiras.

Outrossim deve ser levado em conta o fato de, ainda hoje, os festejos do Divino serem organizados, executados e controlados pelos leigos, o que nem sempre agrada ao Vigário que só aparece para fixar a data da Missa da coroação.

Na prática, quando o Padre passa a determinar, provoca alterações significativas, descontentando os leigos. Em Florianópolis, na paróquia da Santíssima Trindade, um Vigário transformou a Festa do Divino em Festa “da Laranja”...

Outra causa de descontentamento para os leigos são os desencontros na fixação da data para a Missa da Festa. São sempre o desejo dos promotores não é levado em consideração. A missa da coroação deveria coincidir com o domingo do Espírito Santo, porém é comum tal não ocorrer, já que é o Padre que estabelece a data. Pelo que conseguimos captar de populares, quando é fora do tempo “a Festa perde a graça e não agrada ao Santo”...

5. ENREDO DA FESTA DO DIVINO

Segundo os padrões tradicionais, o ponto culminante e mais importante das festividades é a coroação do Imperador, um cidadão do povo, preferentemente pobre, a quem devem ser conferidos “poderes imperiais” (daí o porquê de a festa ser também denominada de “Império do Divino”). A coroação ocorre durante a Missa de Pentecostes, de modo que o Imperador disponha de poder real e possa distribuir favores e caridades e promover diversão para o povo. Serão, segundo os preceitos mais antigos, três dias de festa: de domingo, desde a coroação, até terça-feira, com comidas, pagamento de promessas, quermesses, fogos, música, bailes, etc. Para todo este aparato é necessário muito dinheiro que nem sempre o Imperador possui e tão pouco, hoje em dia, pode ele contar com os cofres reais.

A festa como tal obedece a um rico enredo cujos eventos programados podem ser assim sintetizados:

- escolha do Imperador;
- peditório de auxílios e recursos (Bandeira, com cantorias e foliões);
- organização de todos os eventos pelo Imperador e a Irmandade, e escolha dos personagens dos autos populares;
- cortejo imperial;
- Missa da coroação;
- exercício do mandato imperial e festejos populares;
- encerramento com fogos e escolha do novo Imperador.

Na verdade, este enredo vem sofrendo muitas alterações, sendo a principal, a realização da festa somente sábado e domingo – contingências do nosso tempo e da secularização da sociedade.

Da escolha do Imperador, que saiu da ótica do “mais pobre” para a do mais rico

Outra alteração descaracterizadora é a da escolha do Imperador, que saiu da ótica do "mais pobre" para a do mais rico, também por motivos, até certo ponto óbvios, financeiros, do custo da festa. Ser Imperador do Divino é alcançar, ou demonstrar, prestígio e "status". Os candidatos se anunciam antecipadamente, alardeando o quanto de dinheiro de que dispõem para gastar na festa. Quando os candidatos são vários, procede-se a um sorteio ou então deixa-se a critério da Irmandade a indicação. O Vigário muito raramente interfere nessa questão.

Parece-nos importante destacar o peditório da Bandeira do Divino, pois ela não se destina somente a angariar recursos como também a promover a festa e atender à devoção do povo. Vai a Bandeira de porta em porta, percorrendo todas as famílias da comunidade, e onde ela entra leva graças e paz a todos os que a aguardam com muita alegria e cantorias, oferecendo-se aos acompanhantes doces, café e bebidas diversas.

Os foliões cantam somente ao chegarem à porta da casa e são acompanhados por viola (de 12 cordas) ou violão, rabeça e tambor (raras vezes o tambor é substituído pelo triângulo). Os cantores, geralmente três, solam em três vozes, sendo os agudos desempenhados por garotos ou então por uma mulher, único elemento feminino no conjunto da "Bandeira":

A Bandeira do Divino
vem abrir vossa morada,
vem pedir uma oferta
pra que seja abençoada.

Viemos pedir esta oferta
pra o Divino de bondade.
Ele é uma das pessoas
da Santíssima Trindade.

O Divino pede esmola
mas não é por precisão:
pede pra logo conhecer
os seus devotos quem são.

Oh que esmola tão alegre
deram ao Deus criador,
que vos há de agradecer
o Divino Imperador!

Obs.: Estas quadrinhas são repentes, de criação espontânea. Ocorrem, porém, muitas repetições, pois provavelmente há memorização pelos populares, por efeito da tradição oral.

Um bater do tambor, em ritmo de "passo a passo", lento, anima o continuar da caminhada, enquanto os foguetes pipocam para anunciar a chegada da Bandeira, de porta em porta, chegada aguardada com muito carinho e devoção.

Também é necessário preparar-se o cortejo imperial com muita antecedência. Muitos devem ser os personagens, e vesti-los a caráter requer tempo, escolha e dinheiro. Fazem parte do cortejo um casal de adolescentes, réplica do Rei e da Rainha (deveriam estar os verdadeiros reis sempre presentes na festa, mas como nem sempre isso era possível, adotou-se a prática de representá-los por inocentes), vestidos com trajes imperiais, princesas, pagens e vassalos, além é claro de quem é o Imperador da festa. À frente do cortejo vai o estandarte da Irmandade, seguindo-se a Bandeira e demais alfaías, os personagens, autoridades e o povo.

O cortejo, rico em beleza e coreografia, encaminha-se para a igreja, onde deverá ocorrer a coroação, durante a Missa. Finalmente, partindo da coroação acontecem os folguedos populares: doações e leiloamento de massas, pagamento de promessas, cantorias, etc, enquanto o Imperador fica no "Império", atendendo seus súditos com os favores da corte...

Em Açores, como o povo permanece três dias na festa,

quase sempre sem retornar diariamente à casa, pois vêm de muito longe, é preciso receber alimentação. Por isso nasceu a prática de prepararem fogões com panelões, dentro dos quais voluntariamente cada qual colocava algo trazido de casa ou ganho na festa, como carne, chouriço, verduras, e tempero à vontade, dando origem ao "cozido", popular também entre nós, que lá hoje é prato típico e vulgarmente identificado como "sopa do Espírito Santo". Por tradição, é também prato típico de Portugal. Com todos esses folguedos, sociais e lúdicos, e com as bênçãos do Divino Espírito Santo, chega-se ao ápice das festividades.

Nos Açores encontramos, ainda hoje, coisas curiosas como, p.ex.: espera do touro ou touro na rua (farfa do boi...); vacas sendo ordenhadas e o leite sendo doado a quem o quiser (bodos de leite); matança de animais com distribuição de sua carne (bodos de carne); pipas de vinho são abertas (bodos de vinho) e ainda outros "bodos". É uma vivência da partilha e do pôr em comum, reminiscência do franciscanismo. Não devemos esquecer que a distribuição de pão bento é um traço comum entre as festividades do Divino e a prática franciscana.

É uma devoção que se consolida num encontro comunitário, de fraternidade cristã

6. CONCLUSÕES

Tudo o que foi possível escrever até aqui e é do conhecimento que temos, ainda que superficial e ligeiro, retrata que o povo, ao participar da festa que organizam com tanto esmero, procura exteriorizar e vivenciar uma forte devoção ao Espírito Santo. É uma devoção que se consolida num encontro comunitário, de fraternidade cristã, que busca eliminar as desigualdades sociais e objetiva que todos se contagiem das alegrias do Espírito Santo Paráclito. Constatamos não somente tradição. O povo, na sua sabedoria, tem consciência do que faz e do que quer.

Numa tentativa de comprovar o que afirmo, entrevistei, em 1º de maio p.p., no Alto Ribeirão, de improviso, o sr. Pedro Vieira, com 85 anos de idade e participante de muitas festas do Divino. Vejamos o que nos diz.

Perguntamos a ele: Sempre que festou nos dias santos? (11)

Resposta: "Na roça e na lavoura a gente nunca pára. Só dia santo é que a gente pára, especialmente na festa do Divino Espírito Santo. Parava-se também na festa de São Sebastião e na de Nossa Senhora da Lapa".

P. O que é que quer dizer "Pombinha do Espírito Santo"?

R. "A pombinha representa, não sei, a pombinha está na Bandeira do Divino. Quando o Espírito Santo veio ao mundo, veio na forma de uma pombinha, não é isso?" (Nota-se que eles não falam da pomba no grau normal, mas sempre no diminutivo).

P. Esta devoção ao Espírito Santo é uma devoção a Deus ou a um santo como São Sebastião, Santo Estêvão?

R. "O Espírito Santo é Deus. Foi ele que deu claridade ao mundo. Todo mundo adora o Espírito Santo na pombinha que tem na Bandeira. Todos têm muita devoção ao Espírito Santo. A devoção é barbaridade, isto naquele tempo. Hoje não. Hoje o povo não quer mais nada com isso. A gente parava de trabalhar quando o Divino Espírito Santo ia passar com o peditório e nas casas. Então quem tinha feijão para bater, não batia. Quem tinha alambique para lambicar, não lambicava. Quem tinha que fornear, não forneava. Quem tava sevando, nesse dia não sevava (12). Tudo para esperar o Espírito Santo em casa. A família toda acompanhava pela estrada um pedaço do cortejo

cantando e seguindo, pedindo graças, "ajutório", e fazendo promessas. O Divino Espírito Santo aqui, antigamente, era três dias de festa. Era a grande festa do Ribeirão".

Termino transcrevendo duas quadrinhas que seu Pedro cantou para nós e que revelam a devoção popular ao Divino Espírito Santo e seu entendimento como Deus, na Trindade Santa:

Lá está a Cruz de oliveira
onde Deus se abraçou.
Viva a nobre Imperatriz,
viva o nobre Imperador.

Eu entrei em sua casa
com grande satisfação.
O Divino Espírito Santo
que lhe dê muita benção!

NOTAS:

- (1) DURAND, Gilbert, "Iconographie et Symbolique du Saint Esprit", in Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Açores, 1985, p. 37.
- (2) SILVA, Agostinho, "Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo", *ibid.*, p. 178.
- (3) LIMA, Manuel Baptista de, "A introdução do culto do Divino Espírito Santo nos Açores e sua influência na simbólica e na arquitetura religiosa dos séculos XV e XVI, *ibid.*, p. 123.
- (4) "bodo" = distribuição de alimentos, roupa e dinheiro, aos pobres, em dias festivos (cf AURÉLIO).

(5) O etnólogo DURAND, que já citamos acima (cf Nota 1), depois de recordar que "na iconografia da Anunciação e do Batismo o Espírito Santo é representado sob a forma - à primeira vista, insólita - de uma pomba, que, na mitologia grega, é o animal consagrado a Vênus", adverte para o que ele qualifica de "abuso" dos que, introduzindo o simbolismo helenista no texto bíblico, ligam a pomba à representação sexual de Vênus, amor carnal e fofosura (cf *ibid.*, pp. 38-39). De resto, o real significado bíblico da pomba, como símbolo do Espírito Santo no batismo de Jesus, mereceria um estudo à parte.

- (6) LEITE DE ATAÍDE, Luís Bernardo, "Etnografia. A Arte e Vida antiga dos Açores", vol. I, Ed. da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Portugal, 1974, p. 33.
- (7) LIMA, Manuel Baptista de, *op. cit.*, p. 126.
- (8) FIGUEIREDO, Jaime de, "Impérios Maritenses. Folclore açoriano", C. de Oliveira Ltda. Editores, Lisboa, 1957, pp. 22-24.
- (9) ESPERANÇA, Frei Manuel da, "História Seráfica da Ordem dos Frades de São Francisco", parte I, Lisboa, 1956, p. 130.
- (10) FRUTUOSO, Gaspar, "Saudades da Terra", Ponta Delgada, Tipografia do Diário dos Açores, 1926, p. 51.
- (11) Não vamos transcrever toda a entrevista, mas só o que interessa ao presente artigo.
- (12) "sevar" = meter as raízes da mandioca no catitu, para reduzi-las à massa de que se prepara a farinha (cf AURÉLIO).

Endereço do Autor:

Praça Olívio Amorim, 24
88020 - FLORIANÓPOLIS - SC

MADRE PAULINA, ENCARNAÇÃO DA FÉ DE UMA COLÔNIA DE IMIGRANTES

Ir. Célia Cadorin, IIC
Procuradora da Causa de Madre Paulina

Madre Paulina não é um fato isolado, mas fruto de situações sócio-político-econômico-religiosas quer do Sul-Tirol, dominado pela Áustria, hoje região Trentina da Itália, quer da incipiente Nova Trento da Província (hoje Estado) de Santa Catarina.

É impossível falar de Madre Paulina sem a questão migratória, que marcou sua família: pais, irmãos, avós maternos e vários tios, que deixaram Vígolo Vattaro, localidade vizinha da cidade de Trento, para estabelecer-se nos lotes de terra oferecidos pelo governo brasileiro ao Sul do Brasil.

1 - Os imigrantes tirolezes - Assim chamados porque pertencentes ao Tirol. A história do Trentino é uma história de lutas numa terra rica de belezas naturais, mas marcada pela sujeição ao estrangeiro, escassez de chão para cultivar ou de trabalho para ganhar o pão. A tudo isso deve-se juntar uma série de calamidades naturais (doenças das e nas plantações, inundações), que assolaram a região a partir da metade do século passado.

As precárias condições econômicas do mundo camponês italiano, diante do convite, da propaganda e das promessas do governo brasileiro, provocaram em muitos o desejo de partir.

Vígolo Vattaro, de uma população de dois mil habitantes, em apenas um mês: 25 de agosto - 25 de setembro de 1875, assistiu à partida de 130 pessoas agrupadas nos respectivos núcleos familiares. Conseqüência deste tipo de imigração foi que os novos colonos não se confundiram com os nativos ou outros imigrantes, mas constituíram colônias, onde foram mantidos

língua, costumes e religião do lugar de origem. Além disso, tudo era "batizado" com nomes da pátria distante e Capelas eram construídas para honrar os patronos deixados. Assim, surge a Colônia de Nova Trento no antigo "Alferes", com as localidades de Vígolo, Besenello, Valsugana, etc.

2 - A fé dos imigrantes tirolezes - As crônicas da época registram que as famílias tinham um encontro fixo na Catedral (Duomo) de Trento para a Missa, a última oração diante de San Virgilio, e a bênção do sacerdote antes de deixar para sempre a terra natal.

Apesar de serem, praticamente, todos católicos, os emigrantes partiram sozinhos porque os Bispos italianos não permitiam ou dificultavam a concessão de algum sacerdote para acompanhar as levadas de italianos que buscavam novas terras, exceto Mons. Giovanni S. Scalabrini com seus Missionários de S. Carlo Borromeo. Além disso, Bispos do Brasil temiam receber sacerdotes italianos porque, muitas vezes, eram imbuídos de idéias revolucionárias.

A falta de sacerdotes foi um dos grandes sofrimentos para os tirolezes de Nova Trento. Na Colônia de Brusque, distante 28 km., havia um só sacerdote: Pe. Alberto Gattone, alemão, que já em 1876 visitava os Trentinos fixados nos lotes ao longo da estrada entre Brusque e Nova Trento. A primeira missa da Colônia de Nova Trento foi celebrada numa escolinha erguida pelos tirolezes em "Aliança" (hoje, Clarafba), localidade onde se ergueu também a primeira Capela dedicada a S. José. Surgiram logo depois a Capela de Santa Ágata em Besenello, onde Padre Arcangelo Ganarini, que viera de Trento, batizou os filhos dos primeiros colonos.